

Maria Auxiliadora seja uma realidade viva e difundida no mundo, uma associação “muito juvenil e muito salesiana”, expressão popular do carisma salesiano, apresentei algumas orientações, entre elas o compromisso de uma atenção especial à família, sujeito originário de educação e primeiro lugar de evangelização. “Não se pode conduzir a pastoral juvenil se ela não estiver unida à pastoral familiar. A presença de famílias e de jovens casais que, sob a guia de Maria, compartilham um caminho de vida feito de formação, partilha e oração, é verdadeiramente um dom providencial de Maria Auxiliadora que assume o cuidado das novas gerações”. Todos retornaram às próprias nações, marcando encontro no próximo Congresso que será celebrado em Turim e no Colle Don Bosco em 2015, por ocasião do segundo centenário do nascimento de Dom Bosco, ele que é um grande dom de Deus aos jovens.

Em segundo lugar, quero compartilhar com vocês as minhas reflexões sobre a ***Jornada Mundial da Juventude***, realizada em Madri de 16 a 21 de agosto. Se há uma expressão que possa definir bem o que se viveu naqueles dias, diria que foi um *festival da fé*, não um mero “*happening*” ou um concerto *rock*. Vindos de todos os continentes, na verdade de todos os cantos da terra, de raças, línguas, culturas e contextos muito diversos, o perfil que unia aqueles 2 milhões de jovens era o de ser “uma nova geração”. Geração formada de jovens normais, alegres, pacíficos, generosos, sonhadores, entusiasmados, portadores de esperança e de futuro, qualificados, chamados a serem não simples consumidores de produtos, sensações ou experiências, nem espectadores da história do mundo, mas protagonistas do atual processo de transformação da humanidade, seguidores de Jesus, orgulhosos de proclamar a própria fé e pertença à Igreja. A JMJ demonstrou ser uma autêntica manifestação de fé e de Igreja e um caminho significativo de “nova evangelização”, justamente porque a Jornada Mundial da Juventude não é mais um mero evento, quem sabe espetacular, mas um itinerário de fé, com uma incrível força de convocação. Ela

representa a descoberta sempre mais preciosa do valor da sinergia, não só para superar o isolamento em que os jovens podem ver-se a viver a vida e testemunhar a fé, mas, sobretudo para encaminhar os discípulos do Senhor Jesus a objetivos comuns, de tal modo que torne verdadeira a identidade dada por Jesus aos seus discípulos: “ser sal da terra, luz do mundo, cidade construída sobre o monte”. O que será possível na medida em que eles fizerem das bem-aventuranças a sua carta de identidade e forem pobres de espírito, com fome de justiça, mansos, puros de coração, amantes da paz. Obviamente, todas as pessoas, tanto em sua singularidade, quanto nos grupos e movimentos, têm sensibilidade própria, visão pessoal da realidade, maneira de conceber e viver a fé, uma espiritualidade pessoal e, portanto, uma maneira própria de entender e realizar a “nova evangelização” hoje. Sem negar a importância e a necessidade da via querigmática, estou convencido de que sem educação não há evangelização que valha e seja capaz de dar razão da própria esperança; que hoje não se pode ajudar a amadurecer os jovens sem a inculturação do Evangelho; que a linguagem religiosa deve responder à cultura juvenil de hoje para evitar que a mensagem seja incompreensível ou irrelevante e, portanto, estéril. Concluo afirmando o grande valor das JMJ, que despertam nos jovens sentimentos de entusiasmo, profecia, coragem e alegria, necessários a qualquer sociedade que nutra o sonho de ser capaz de gerar sentido da existência e qualidade de vida. Reafirmo igualmente as perspectivas pastorais oferecidas por uma Jornada Mundial da Juventude como a de Madri: o mundo de hoje não pode ser evangelizado a não ser por meio de pessoas que tenham vivido uma profunda experiência espiritual transformadora da sua vida, que experimentaram a graça da comunhão até ser um só coração e uma só alma alimentados pela Palavra e pela Eucaristia, e apoiados pela oração, até ser um modelo cultural alternativo.

Recordo ainda que participei em 15 de outubro, na qualidade de membro da Comissão, do encontro sobre “*Novos evangelizadores para a nova evangelização*”, organizado pelo novo Pontifício

Conselho ao qual foi confiado este importante tema. Em seu esforço de estar presente nesse apelo urgente para a toda a Igreja, a União dos Superiores Gerais iniciou seu estudo a partir da perspectiva típica da Vida Consagrada e elegeu 10 representantes para a XIII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos que se realizará de 7 a 28 de outubro de 2012 para estudar o tema “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. Obviamente, a “nova evangelização” não será tal sem “novos evangelizadores” que tenham aprendido a ser discípulos que, na convivência com Jesus e na intimidade com Ele, façam própria a Sua paixão pela humanidade e, como apóstolos apaixonados, se entreguem à construção do Reino até que o Senhor retorne. Se não existe uma verdadeira evangelização que não seja acompanhada do empenho pela promoção humana e pelo interesse pela cultura, isso deve ser afirmado com maior razão da “nova evangelização”. A diferença entre a evangelização em sua expressão clássica e a “nova” está talvez no fato de que o anúncio de Deus deve ser mais explícito, mais desinteressado, radicalmente gratuito. Afinal, a humanidade deve escutar o Filho de Deus, acolhendo o seu Evangelho, não a nós e as às nossas instituições ou doutrinas. Porque o que importa, em última análise, é que os homens “tenham vida em abundância”, e aqui se trata de algo que só Deus pode dar e garantir. Eis, pois, a exigência de dar Deus e não apenas falar d’Ele. Por esse motivo, a “nova evangelização” exige a conversão das pessoas (evangelizadores e evangelizados) e das estruturas pastorais, para evitar que elas obscureçam a face de Deus em vez de permitir contemplar a força do Deus vivo.

A Vida Religiosa, entendida em seus elementos essenciais como um grupo de homens e mulheres que se sentem chamados, atraídos e seduzidos pelo Deus vivo para seguir Jesus Cristo numa comunidade de discípulos enviados ao mundo para servir a humanidade e agir em Seu nome, teve sua origem no Evangelho, e só este fato fez dela sempre evangélica e evangelizadora. Sem que precise “fazer” outra coisa, somente pelo fato de “ser” isto: vida consagrada a Deus e ao próximo.

Por essa razão, a Vida Religiosa é chamada a ter um papel fundamental na “nova evangelização”, sobretudo porque ela tem como compromisso substancial o anúncio, o tornar visível e crível o que diz aquele “mini Evangelho” que é o texto de Jo 3,16s citado acima: “Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele”. A “nova evangelização” deve ser, antes de tudo, uma boa notícia para a humanidade, feita da acolhida de tudo o que seja realmente humano, capaz de suscitar questionamentos que despertem a busca de Deus, revestida da simpatia própria de quem acolhe o outro sem preconceitos e buscando compreendê-lo, pronta a uma grande abertura ao diálogo sem que isso seja renúncia ao que é inegociável, empenhada nas causas pelas quais a humanidade de hoje é mais sensível (a defesa da natureza, o interesse pela justiça, a liberdade, a dignidade e os direitos da pessoa, o desenvolvimento comum sustentável...), com a capacidade não só de ler a história e interpretar os sinais dos tempos, mas também de gerar novos sinais dos tempos que ajudem a infundir dinamismo na sociedade.

É preciso saber anunciar Cristo em contextos muito complexos e que, frequentemente, convivem entre si. Pessoas que nunca ouviram falar de Deus e não sentem necessidade d’Ele, porque se habituaram a viver sem a sua presença. Pessoas que abandonaram a religião e se tornaram ateus práticos ou agnósticos, perfeitamente instalados na imanência sem outra aspiração senão o desenvolvimento ilimitado, carente de transcendência. Pessoas que vivem a religiosidade popular como fruto de uma cultura que os faz crer em Deus sem que essa fé se traduza sempre em coerência de vida. Pessoas, enfim, de fé adulta, que descobriram em Deus a Verdade e, com o dom da fé em Cristo encontraram na Igreja a casa da família, chamada a ser “luz das nações”, “sacramento da comunhão dos povos”, “sacramento de salvação”.

da nossa história, indicando, ao mesmo tempo, a mudança de mentalidade que devemos assumir na interpretação histórica. É importante, sobretudo, a perspectiva atualizadora a assumir na leitura da história. A Estreia quer motivar o estudo pessoal, o esforço e a proposta pública de momentos de reflexão histórica. O estudo indicado, porém, deve ser depois efetivamente realizado. Por outro lado, os acontecimentos destes anos – o 150º aniversário de fundação da Congregação, o centenário da morte do padre Rua, o 150º aniversário da unidade da Itália – aumentaram em nós a mentalidade histórica que, em todo caso, deve ser reapropriada. Embora lhes possam parecer muito técnicos, os pontos 5 e 6 do meu comentário sobre a historiografia salesiana, ou seja, sobre a interpretação da nossa história, eles são absolutamente necessários. É ocasião, para todos nós, de entrar em contato com o grande trabalho feito nestes anos. Enfim, o ponto 7 motiva a necessidade de ter uma imagem atual de Dom Bosco. Desejo a todos vocês uma profunda e profícua leitura.

Eis, então, o meu *Comentário à Estreia 2012*.

“Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor dá a vida por suas ovelhas” (Jo 10,11)

Caríssimos Irmãos, Filhas de Maria Auxiliadora,
Todos os Membros da Família Salesiana, Jovens

Iniciamos há pouco o triênio de preparação para o bicentenário do nascimento de Dom Bosco. Este primeiro ano nos oferece a oportunidade de nos achegarmos mais a ele a fim de conhecê-lo melhor e mais de perto. Se não conhecermos Dom Bosco e não o estudarmos, não poderemos compreender seu caminho espiritual e suas opções pastorais; não poderemos amá-lo, imitá-lo e invocá-lo; em particular, será difícil hoje inculturar seu carisma nos diversos contextos e nas diferentes situações. Somente reforçando nossa identidade carismática poderemos oferecer à Igreja e à sociedade um serviço aos jovens que seja significativo e abundante de frutos.

Nossa identidade encontra sua referência imediata na figura de Dom Bosco; nele, a identidade se torna crível e visível. Por isso, o primeiro passo que somos convidados a dar no triênio de preparação é precisamente o conhecimento da história de Dom Bosco.

1. CONHECIMENTO DE DOM BOSCO E DEDICAÇÃO AOS JOVENS

Somos convidados a estudar Dom Bosco e, através das vicissitudes de sua vida, conhecê-lo como educador e pastor, fundador, guia e legislador. Trata-se de um conhecimento que leva ao amor, à imitação e à invocação.

Para nós, membros da Família Salesiana, sua figura deve ser o que São Francisco de Assis foi e continua a ser para os franciscanos, ou Santo Inácio de Loyola para os jesuítas, quer dizer, o fundador, o mestre de espírito, o modelo de educação e evangelização, sobretudo o iniciador de um Movimento de ressonância mundial, capaz de propor à atenção da Igreja e da sociedade, com extraordinária força de impacto, as necessidades dos jovens, sua condição, seu futuro. Pois bem, como fazer isso sem recorrer à história, que não é guardiã de um passado já perdido, mas de uma memória viva que está dentro de nós e que nos interpela em função da atualidade?

A abordagem de Dom Bosco, feita com métodos próprios da pesquisa histórica, leva-nos a compreender melhor e a medir sua grandeza humana e cristã, sua genialidade operativa, seus dotes educativos, sua espiritualidade, sua obra: essas realidades serão compreensíveis somente se estiverem profundamente radicadas na história da sociedade em que viveu. Ao mesmo tempo, dispondo de um conhecimento mais aprofundado do seu percurso histórico, tornamo-nos sempre mais conscientes da intervenção providencial de Deus na sua vida.

Nesse estudo histórico não há nenhuma intenção de rejeitar *a priori* as respeitabilíssimas imagens de Dom Bosco que gerações de Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Salesianos cooperadores e membros da Família Salesiana elaboraram, isto é, do Dom Bosco que eles conheceram e amaram; o que existe e deve existir é a apresentação e a reinterpretação de uma imagem de Dom Bosco que seja atual, que fale ao mundo de hoje, que use uma linguagem renovada.

A imagem de Dom Bosco e da sua ação devem ser reconstruídas com seriedade a partir do nosso horizonte cultural: da complexidade da vida hodierna, da globalização,

da cultura pós-moderna, das dificuldades da pastoral, da diminuição das vocações, da vida consagrada hoje “posta em questão”. As mudanças radicais ou de época, como as chamava meu predecessor padre Egídio Viganò, nos obrigam a rever essa imagem e a repensá-la sob outra luz, tendo em vista uma fidelidade que não seja repetição de fórmulas e obséquio formal à tradição. A importância histórica de Dom Bosco deve ser pesquisada não só nas suas “obras” e em alguns seus elementos pedagógicos relativamente originais, mas particularmente na sua percepção, concreta e afetiva, da importância universal, teológica e social do *problema da juventude “abandonada”*, e na sua grande capacidade de transmitir essa percepção a numerosos grupos de colaboradores, benfeitores e admiradores.

Ser fiéis a Dom Bosco significa conhecê-lo em sua história e na história do seu tempo, em fazer nossas suas inspirações e em assumir suas motivações e opções. Ser fiéis a Dom Bosco e à sua missão significa cultivar em nós um amor constante e forte dos jovens, especialmente dos mais pobres. Esse amor nos leva a dar uma resposta às suas necessidades mais urgentes e profundas. Como Dom Bosco, nós nos sentimos tocados pelas suas situações de dificuldades: pobreza, trabalho infantil, exploração sexual, falta de educação e de formação profissional, inserção no mundo do trabalho, falta de autoconfiança, medo perante o futuro, perda do sentido da vida.

Com afeto profundo e amor desinteressado, procuramos estar no meio deles de forma discreta e autorizada, oferecendo propostas válidas para seu caminho, para suas opções de vida e sua felicidade presente e futura. Nisso tudo nos tornamos seus companheiros de caminhada e guias competentes. Em particular, procuramos compreender seu novo modo de ser; muitos deles são “nativos digitais” (“*digital natives*”),

que por meio das novas tecnologias buscam experiências de mobilização social, possibilidades de desenvolvimento intelectual, recursos de progresso econômico, comunicação instantânea, oportunidades de protagonismo. Também nesse campo queremos compartilhar sua vida e seus interesses: animados pelo espírito criativo de Dom Bosco, nós, educadores, nos aproximamos deles como “migrantes digitais” (“*digital immigrants*”), ajudando-os a superar a distância (“*gap*”) geracional em relação aos pais e ao mundo dos adultos.

Cuidamos deles ao longo de todo o seu caminho de crescimento e maturação, dedicando-lhes nosso tempo e nossas energias, e estando no meio deles nas fases que vão da infância à juventude.

Cuidamos deles quando situações difíceis, como a guerra, a fome, a falta de perspectivas os levam ao abandono da própria casa e da sua família, e eles de repente se veem sozinhos a enfrentar a vida.

Cuidamos deles quando, depois do estudo e da qualificação, buscam ansiosamente um primeiro emprego e se esforçam por inserir-se na sociedade, às vezes sem esperança e sem perspectivas de êxito.

Cuidamos deles quando estão construindo o mundo dos seus afetos, sua família, particularmente acompanhando seu caminho de noivado, os primeiros anos de matrimônio, o nascimento dos filhos (cf. CG26, 98.99.104).

De modo especial, temos a peito preencher o vazio mais profundo da sua vida, ajudando-os na busca de sentido e, sobretudo, oferecendo-lhes um roteiro de crescimento no conhecimento e na amizade com o Senhor Jesus, na experiência de uma Igreja viva, no compromisso concreto para viver sua vida como uma vocação.

Eis, portanto, o programa espiritual e pastoral para o ano 2012:

**Conhecendo e imitando Dom Bosco,
façamos dos jovens a missão da nossa vida.**

Numerosos grupos da Família Salesiana já estão em sintonia com esse empenho que nos enriquecerá a todos, a fim de voltarmos nossos olhos para Dom Bosco, nosso Pai. Caminhemos, porém, sempre mais juntos como Família.

2. REDESCOBRIR A HISTÓRIA DE DOM BOSCO

Dom Bosco, à distância de mais de um século de sua morte, continua a interessar a muita gente em muitos países. Ele é considerado uma figura significativa, mesmo fora do ambiente salesiano. Embora, por força da necessidade, já tenham desaparecido as amplificações que afetaram sua figura durante muitos decênios e que impressionaram o imaginário coletivo, Dom Bosco continua a ser um personagem de notável grandeza e de alto apreço. Longa sequência de papas e cardeais, bispos e sacerdotes, estudiosos católicos e não católicos, políticos de ideologias diversas, na Itália, na Europa e no mundo, reconheceram e reconhecem Dom Bosco como portador de uma mensagem moderna, profética, historicamente condicionada, mas aberta a muitas projeções atuais, virtualmente disponível para vastos espaços e tempos.

O centenário da sua morte, o sesquicentenário da fundação da Congregação Salesiana, a atual preparação do bicentenário do seu nascimento e outras ocasiões específicas favoreceram

uma abundante produção de livros e jornais. Ao lado de estudos e pesquisas de alto nível científico surgiram também estudos mais modestos, que deram motivos a reservas interpretativas baseadas em premissas críticas infundadas e em análises históricas insuficientes.

De fato, Dom Bosco é uma figura poliédrica, que não pode ser reduzida a simples fórmulas ou a títulos jornalísticos; é uma personalidade complexa, feita de realidades ordinárias e excepcionais, de projetos concretos ideais e hipotéticos, de um estilo cotidiano de vida e ação, e ao mesmo tempo de especiais relacionamentos com o sobrenatural. Uma figura desse quilate não pode ser compreendida adequadamente a não ser na sua multiplicidade de facetas e de dimensões; do contrário, a apresentação parcial de um ou de alguns aspectos, quem sabe confundidos consciente ou inconscientemente com um perfil completo, corre o risco de falsificar a sua fisionomia.

Às vezes, podemos ficar perplexos diante de obras em que a apologética e a descrição superficial de Dom Bosco ocupa espaço demasiado, nas quais a exaltação da sua figura predomina em prejuízo da verdade do personagem, facilmente circunscrito a estereótipos aos quais jamais se pode reduzir Dom Bosco. Isso vale particularmente neste momento histórico em que se multiplicam as vidas dos santos, escritas com uma nova criteriologia.

De fato, um novo tipo de hagiografia adquiriu atualmente maior vigor, baseando-se em interpretações históricas fundadas e numa renovada leitura teológica da experiência espiritual dos Santos. Por isso, faço votos que se prepare uma moderna “hagiografia” de Dom Bosco; enquanto ela deve basear-se em recentes estudos históricos, tem como objetivo suscitar o amor a ele, a imitação da sua vida, o desejo de percorrer seu mesmo caminho espiritual; idêntico desejo vale para uma nova hagiografia destinada aos jovens.

3. MOTIVAÇÕES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DE DOM BOSCO

Numerosos são, sem dúvida, os motivos que nos levam a estudar Dom Bosco. Precisamos conhecê-lo como nosso Fundador, porque isso é exigido pela nossa fidelidade à instituição a que pertencemos. Precisamos conhecê-lo como Legislador, enquanto somos obrigados a observar as Constituições e os Regulamentos propostos por ele diretamente ou por meio de seus sucessores. Devemos conhecê-lo como Educador, para que possamos viver o Sistema Preventivo, riquíssimo patrimônio que ele nos deixou. Devemos conhecê-lo, em particular, como Mestre de vida espiritual, dado que nós, como seus filhos e discípulos, haurimos nossa espiritualidade da sua; de fato, ele nos ofereceu uma chave de leitura do Evangelho; sua vida é para nós um critério para realizar o seguimento do Senhor Jesus de forma típica. Sobre isso escrevi uma carta aos irmãos salesianos, em janeiro de 2004, “Contemplar Cristo com o olhar de Dom Bosco” (ACG 384).

Hoje cresce em nós a consciência do risco que estamos correndo, se não fortalecermos os liames que nos unem a Dom Bosco. O conhecimento histórico fundamentado e afetivo ajuda a manter vivos esses liames; a formação inicial e permanente deve favorecer os estudos salesianos. Já passou mais de um século desde a morte de Dom Bosco; morreram todas as gerações que direta ou indiretamente tiveram contato com ele e com quem o tinha conhecido pessoalmente. Aumentando a distância cronológica, geográfica e cultural em relação a ele, diminui sempre mais aquele clima afetivo e aquela proximidade, mesmo psicológica, que tornavam Dom Bosco e seu espírito espontâneo e familiar à simples visão do seu retrato. O que nos foi transmitido pode perder-se; o liame vivo com Dom Bosco pode romper-se. Se de-

saparecer a referência ao nosso Pai comum, ao seu espírito, à sua praxe, aos seus critérios inspiradores, não teremos mais direito de cidadania na Igreja e na sociedade como Família Salesiana, dado que nos encontraremos sem raízes e sem nossa identidade.

Além disso, manter viva a memória da própria história é garantia de possuir uma sólida cultura; sem raízes não há futuro. Por isso, a organização da memória histórica e a possibilidade de usufruí-la têm notável importância enquanto apelo às raízes comuns que nos estimulam a repensar os problemas do momento presente com uma consciência mais madura a respeito do nosso passado. Apesar das transformações históricas e das inevitáveis mudanças, isso nos dá garantia de que nossa Família continuará a ser a portadora do carisma das origens e a guardiã vigilante e criativa de uma tradição fecunda.

Obviamente, a consciência do passado não deve tornar-se condicionamento. É preciso saber discernir criticamente o significado histórico essencial de eventuais redundâncias gratuitas e interpretações subjetivas infundadas; dessa forma, se evitará atribuir historicidade carismática a reconstruções que pouco têm a ver com a “verdadeira história”. Esse modo de fazer história, às vezes, é utilizado para evitar o sério problema da reconstrução do contexto histórico. Também na interpretação da história de Dom Bosco é preciso dispor de um sadio discernimento. Da mesma forma, vale para nós a advertência do Papa Leão XIII: o historiador nunca deve dizer nada de falso, nem calar nada de verdadeiro. Se um santo tem algum ponto fraco, é preciso reconhecê-lo com lealdade. O relevo dado às imperfeições dos santos tem a tríplice vantagem de respeitar a exatidão histórica, de sublinhar o absoluto de Deus e de encorajar a nós, pobres vasos de argila, mostrando-nos que também no herói de Cristo o sangue não era água.

A necessidade e a urgência de um conhecimento profundo e sistemático de Dom Bosco foram sublinhadas nas últimas décadas pelos documentos oficiais e pelas intervenções autorizadas dos meus dois predecessores. Eu mesmo, na carta do final de 2003 (ACG n. 383), me expressei nos seguintes termos:

“Dom Bosco conseguiu ser jovem e, por isso, de tanto estar no meio dos jovens, pôr-se em sintonia com o futuro[...] Na experiência de Valdocco, é claro que houve um amadurecimento da missão e, como consequência, uma passagem da alegria de ‘ficar com Dom Bosco’ a ‘ficar com Dom Bosco para o bem dos jovens’, de ‘ficar com Dom Bosco para o bem dos jovens de forma estável’ a ‘ficar com Dom Bosco para o bem dos jovens de forma estável com votos’. Ficar com Dom Bosco não exclui a priori a atenção aos tempos que o modelaram e condicionaram; requer, porém, viver com seu empenho suas opções, sua dedicação, seu espírito de empreendimento e de vanguarda. [...] Tudo isto faz de Dom Bosco um homem fascinante e, no nosso caso, um pai a amar, um modelo a imitar e também um santo a invocar... Nós percebemos que quanto mais aumenta a distância entre nós e o Fundador mais real se torna o risco de falar de Dom Bosco com base em ‘lugares comuns’, histórias, sem um verdadeiro conhecimento do nosso carisma. Daqui a urgência de conhecê-lo por meio da leitura e do estudo; de amá-lo afetiva e efetivamente como pai e mestre por causa da sua herança espiritual; de imitá-lo, procurando configurar-nos a ele, fazendo da Regra de vida nosso projeto pessoal. Este é o sentido do retorno a Dom Bosco – a que convidei a mim mesmo e toda a Congregação desde a minha primeira ‘boa-noite’ – por meio do estudo e do amor que procura compreender, para iluminar nos-

sa vida e desafios atuais. Junto com o Evangelho, Dom Bosco é nosso critério de discernimento e nossa meta de identificação”.

Meu desejo não está muito longe das reflexões do padre Francesco Bodrato, primeiro inspetor na Argentina, que, em 5 de março de 1877, numa carta aos seus noviços, escrevia:

“Quem é Dom Bosco? Vocês querem que eu o diga? Sim, eu vou dizer a vocês quem ele é de verdade, do jeito que aprendi e ouvi de outros. Dom Bosco é o nosso pai; pai extremamente carinhoso e terno. Todos nós que somos seus filhos dizemos isso. Dom Bosco é um homem providencial ou um homem da Providência dos tempos: é o que dizem os verdadeiros sábios. Dom Bosco é o homem da filantropia: é o que dizem os filósofos. Eu concordo com tudo o que dizem dele, mas digo que Dom Bosco é verdadeiramente aquele amigo que a Sagrada Escritura qualifica como um grande tesouro. Pois bem, nós encontramos esse verdadeiro amigo e esse grande tesouro. Maria Santíssima nos iluminou para que pudéssemos conhecê-lo e Deus nos concede a graça de tê-lo como nosso. Por isso, ai de quem o perder. Se vocês soubessem, meus caros irmãos, quantas pessoas têm inveja de nós por causa disso [...] E se vocês concordam comigo em crer que Dom Bosco é o verdadeiro amigo de que fala a Sagrada Escritura, então devem ter o máximo cuidado para conservá-lo sempre e para copiá-lo na própria vida” (F. Bodrato, Epistolario. Aos cuidados de B. Casali. Roma, LAS, 1995, p. 131-132).

Não sem motivo o proêmio e os artigos 21, 97, 196 das Constituições atuais da Congregação Salesiana nos apresentam Dom Bosco como “guia” e “modelo”, e as próprias Constituições são

definidas como “testamento vivo”. Expressões análogas se encontram também na regra de vida dos outros grupos da Família Salesiana. Para todos nós que olhamos para Dom Bosco como nosso ponto de referência, ele continua a ser o fundador, o mestre de espírito, o modelo de educação, o iniciador de um Movimento de ressonância mundial, capaz de despertar na Igreja e na sociedade, com uma força impactante, a atenção às necessidades dos jovens, à sua realidade, ao seu futuro. Não podemos deixar de perguntar-nos se hoje a nossa Família ainda constitui essa força; se ainda temos aquela coragem e aquela fantasia que foram de Dom Bosco; se na aurora do terceiro milênio ainda somos capazes de assumir suas posições proféticas em defesa dos direitos do homem e dos direitos de Deus.

Indicadas as necessidades e a urgência do conhecimento e do estudo de Dom Bosco para a Família Salesiana, para cada grupo, comunidade, associação e pessoa, o caminho ainda está por ser feito; o caminho indicado ainda não é o caminho percorrido. Toca a cada um individualizar os passos, as modalidades, os recursos, as etapas e as oportunidades para que esse empenho seja realizado ao longo deste ano. Não podemos chegar à celebração do bicentenário sem conhecer melhor Dom Bosco.

4. FUNÇÃO ATUALIZADORA DA HISTÓRIA

Para alcançar esses objetivos não é suficiente que a grandeza de Dom Bosco esteja presente na consciência de cada um de nós. É condição indispensável conhecê-lo bem, para além do simpático anedotário que envolve nosso querido Pai, e da literatura edificante com que gerações inteiras se formaram. Não se trata de andar à procura de receitas fáceis para enfrentar, como Família, a “crise” atual da Igreja e da sociedade, mas de conhecê-lo

profundamente, de modo que possa ser “atualizado” na aurora deste terceiro milênio, na fermentação cultural em que vivemos, nos diversos países em que trabalhamos. É necessário um conhecimento de Dom Bosco que se alimente da contínua tensão entre nossas interrogações a respeito do presente e a pesquisa de respostas que provenham do passado; somente assim poderemos ainda hoje inculturar o carisma salesiano.

Deve-se prestar atenção ao fato de que no momento das “viradas da história”, um Movimento carismático pode crescer e desenvolver-se somente sob a condição de que o carisma fundacional seja “reinterpretado vitalmente” e não permaneça como um “fóssil precioso”. Os Fundadores fizeram a experiência do Espírito Santo num preciso contexto histórico; por isso, é necessário determinar os elementos contingentes da sua experiência, dado que a resposta a uma situação histórica bem determinada vale até quando dura tal contingência. Em outras palavras, as “perguntas” da comunidade eclesial de hoje e as do atual contexto sociocultural não podem ser consideradas como algo “estranho” à nossa pesquisa histórica; esta deve determinar o que é transitório e o que é permanente no carisma, o que deve ser abandonado e o que deve ser assumido, o que é distante do nosso contexto e o que lhe é afim.

Não é possível fazer essa atualização sem nos servirmos da história, que – como já disse – não é a guardiã de um passado já perdido, mas de uma memória que vive em nós, ou seja, em função da atualidade. Uma atualização feita ignorando os progressos da ciência histórica é uma operação falsamente útil. Da mesma forma, não levam a grandes resultados, nem históricos nem atualizadores, as pesquisas e as leituras conduzidas de forma diletante, sem hipóteses claras, métodos adequados e sólidos instrumentos de trabalho, fora de um pensamento historiográfico vivo e atual. A historiografia comporta uma contínua revisão crí-

tica de juízos elaborados, uma revisão necessária, ao passo que devemos reconhecer que o passado não pode ser considerado só como um monumento destinado à admiração, precisamente porque ele está ligado de forma profunda à pessoa de quem se deseja conhecer.

Não se deve minimizar o fato de que a história de Dom Bosco não é somente “nossa”, mas é história da Igreja e história da humanidade. Portanto, ela não deveria estar ausente da historiografia eclesiástica e civil de cada país, tanto mais que a salesiana é uma história feita de interações dinâmicas, de liames de dependência e colaboração e, às vezes, de embates com o mundo social, político, econômico, eclesial e religioso, educativo e cultural. Ora, não se pode pretender que “os outros” levem em consideração nossa “história”, nossa “pedagogia”, nossa “espiritualidade”, se nós não oferecermos a eles modernos instrumentos de conhecimento. O diálogo com os outros só pode ocorrer se tivermos o mesmo código linguístico, os mesmos instrumentos conceituais, as mesmas competências, o mesmo profissionalismo; caso contrário, ficaremos à margem da sociedade, longe do debate cultural, ausentes dos lugares onde se encaminham as soluções dos problemas do momento. A exclusão do debate cultural em curso em cada país determinaria também a insignificância histórica dos Salesianos, a sua marginalização social, a ausência da nossa oferta de educação. Por isso, faço votos de um renovado empenho na preparação de pessoas qualificadas para o estudo e a pesquisa no campo da história salesiana.

A literatura salesiana, a editoria salesiana, a pregação salesiana, as circulares dos responsáveis nos diversos níveis, as comunicações internas à Família Salesiana, devem estar à altura da situação. A tradicional popularidade da literatura salesiana, a própria divulgação, não podem significar superficialidade de conteúdo, desinformação, repetição de um passado sem credibilidade. Quem

tem o dom ou o dever ou a oportunidade de falar, de escrever, de formar, de educar os outros, tem a obrigação de atualizar-se constantemente a respeito do conteúdo de seus discursos e de seus escritos. Os instrumentos de trabalho da comunicação popular devem ser de qualidade e da máxima credibilidade possível.

O estudo de Dom Bosco é a condição para poder comunicar seu carisma e propor sua atualidade. Sem conhecimento não pode nascer o amor, a imitação e a invocação; tanto mais que só o amor leva ao conhecimento. Trata-se, portanto, de um conhecimento que nasce do amor e conduz ao amor: um conhecimento afetivo.

5. MAIS DE CEM ANOS DE HISTORIOGRAFIA “A SERVIÇO DO CARISMA”

A produção historiográfica salesiana em mais de cento e cinquenta anos de vida percorreu um caminho notável, passando dos primeiros modestos perfis biográficos de Dom Bosco dos anos setenta do século XIX, às biografias encomiásticas, inspiradas numa leitura teológica, anedótica e taumatúrgica da sua vida e da sua obra, que a partir da década de oitenta e no século XX afora teve grande difusão.

Os momentos solenes da beatificação e da canonização de Dom Bosco estiveram obviamente na origem de uma série de escritos e opúsculos de caráter espiritual e edificante. Analogamente, para o âmbito pedagógico, se poderia falar a respeito da rica série de escritos e debates sobre Dom Bosco educador, depois da introdução do Método Preventivo de Dom Bosco nos programas escolásticos dos Institutos de formação do professorado primário da Itália.

No imediato pós-guerra e nos anos cinquenta, as novas gerações salesianas começaram a expressar certa inquietação a respeito da literatura hagiográfica do passado. Surgia a exigência de uma hagiografia do Fundador que não tivesse como objetivo somente a edificação e a apologia, mas a verdade da figura em todos os seus múltiplos aspectos: isto é, uma hagiografia que se situasse no contexto da história e, como tal, assumisse todas as tarefas, os deveres, os endereçamentos. Impunha-se, de certa forma, a necessidade de sair do círculo já consolidado para promover uma revisitação da história de Dom Bosco filologicamente captada e avaliada nas fontes, historicamente conduzida segundo métodos atualizados. Devia-se ultrapassar a ótica própria dos primeiros Salesianos, que indubitavelmente era providencialista, teológica, taumatúrgica, na qual as realidades do ambiente e as forças operativas do tempo tendiam a desaparecer.

Essas perspectivas de estudo e aprofundamento da figura de Dom Bosco, que havia tempo vinham despontando, receberam forte impulso por parte do convite do Concílio Vaticano II de retornar às genuínas realidades humanas e espirituais das origens e do Fundador, para a necessária renovação da vida consagrada (cf. *Perfectae Caritatis, Ecclesiae Sanctae*). Tudo isso exigia como condição indispensável o conhecimento dos dados históricos. Sem uma sólida referência às raízes, a atualização corria o risco de se tornar uma intervenção arbitrária e incerta.

E, assim, no novo clima cultural da década de setenta, através de pressupostos, endereçamentos, métodos, instrumentos de pesquisa da atualidade, compartilhados pela pesquisa historiográfica mais séria, aprofundou-se o conhecimento do patrimônio hereditário de Dom Bosco, rico em acontecimentos e orientações, significados e virtualidades. Individuou-se o significado histórico da mensagem, definiram-

-se os inevitáveis limites pessoais, culturais, institucionais que, quase paradoxalmente, prefiguravam e prefiguram ainda as condições de vitalidade no presente e no futuro.

6. RUMO A UMA LEITURA HERMENÊUTICA DA HISTÓRIA SALESIANA

Como primeira exigência de renovação o Concílio Vaticano II pediu para que retornássemos às fontes. A respeito disso, a Congregação publicou uma dezena de volumes das “Obras Editadas” de Dom Bosco e também das inéditas; o Centro de Estudos Dom Bosco da UPS e o Instituto Histórico Salesiano se encarregaram disso. Graças ao seu trabalho, milhares de páginas de escritos de Dom Bosco estão à nossa disposição, em edições cientificamente cuidadas e revistas, de modo a permitir a necessária *análise filológica*. De fato, como é possível compreender a famosa “Carta de Roma” que o padre Lemoyne redigiu em nome de Dom Bosco, se não se conhece a fundo a difícil situação disciplinar que se vivia em Valdocco e que naqueles mesmos anos provocava a “circular a respeito dos castigos”? O valor de uma carta autógrafa de Dom Bosco, sofrida, repleta de correções, acréscimos e anotações, tem, por acaso, o mesmo valor de uma circular, quem sabe até mesmo escrita por um de seus colaboradores e depois só assinada por Dom Bosco? Que significado dar aos contratos de trabalho firmados por Dom Bosco, se os relacionarmos com os anteriores ou contemporâneos redigidos por outros em Turim?

À análise filológica deve seguir a *análise histórico-crítica*, que toma em consideração tanto o conteúdo explícito das fontes quanto aquilo que, lidas superficialmente, elas não dizem, mas dão a entender. Nenhum texto, muito menos os textos de Dom

Bosco, personagem “encarnado” na história, se explica sem a relação com o tempo em que foi escrito, situado num determinado contexto, em relação a determinadas pessoas, segundo certas finalidades. Como disse, os escritos de Dom Bosco e sobre Dom Bosco contêm a interpretação do Evangelho marcado pelo influxo da época, das ideias, das estruturas mentais, das perspectivas, da linguagem e dos valores do tempo.

As duas operações precedentes conduzem à terceira e mais importante: *a análise vital e atualizadora*, capaz de repensar, de exprimir e atualizar novamente o conteúdo das fontes. A respeito disso é necessário adotar alguns critérios hermenêuticos sem os quais a interpretação das expressões de Dom Bosco, das suas posições teóricas e práticas, dos modos concretos de viver a relação com Deus e com a sociedade, poderiam até ser contra-producentes. A simples repetição de frases de Dom Bosco poderia levar-nos inclusive a trair a identidade salesiana. De fato, trata-se de textos e testemunhos próprios de uma “cultura” hoje superada, de uma tradição e de uma teologia que certamente não são mais as nossas e, por isso, não estão mais imediatamente ao nosso alcance.

A Congregação Salesiana nos anos de 1970 e 1980 do século passado fez um grande esforço de renovação, cujo fruto maduro é o das Constituições renovadas. Os salesianos elaboraram uma reflexão histórico-espiritual que já é em si mesma uma hermenêutica das fontes salesianas e dos “sinais dos tempos”. Se folharmos o índice analítico dessas Constituições, encontramos uma bela surpresa: o nome de Dom Bosco aparece diretamente perto de 40 vezes. Nos primeiros 17 artigos está presente 13 vezes; mas também onde o nome não aparece explicitamente, a referência ao seu pensamento, à sua praxe, aos seus escritos, é constante. E dizer que no século XIX a Santa Sé obrigava a não fazer menção nas Constituições do nome e dos escritos do

lidade, sua obra; esses dados são compreensíveis somente se forem plenamente enraizados na história da sociedade em que Dom Bosco viveu. Não rejeitemos *a priori* o que de válido recebemos a respeito da imagem de Dom Bosco, transmitida a nós por gerações de Salesianos e de membros da Família Salesiana. Hoje, porém, precisamos de um repensamento, de uma ulterior reflexão, que nos apresente uma imagem de Dom Bosco que seja atual, que fale ao mundo de hoje, que use uma linguagem renovada. De fato, a validade da imagem oferecida depende do grau de aceitabilidade e de compartilhamento por parte da atualidade.

7. QUAL É A IMAGEM DE DOM BOSCO HOJE?

Diante dessa literatura salesiana necessariamente em evolução, é evidente que também hoje precisamos responder a uma série de perguntas.

Quem foi Dom Bosco? O que ele disse, o que fez e escreveu? Com que modalidade de vida e de ação ele conseguiu ampliar suas obras de bem? Que relação existe entre seu pensamento e sua atividade? Quais foram a origem das suas ideias, o seu desenvolvimento e a sua novidade? Que consciência teve de si mesmo e da própria mensagem no início da sua obra e qual foi a percepção que teve gradualmente ao longo da sua vida? Que tipo de percepção a respeito dele, da sua obra e da sua mensagem tiveram seus primeiros colaboradores leigos e eclesiásticos, os primeiros salesianos, as FMA, os Cooperadores, os alunos e os ex-alunos? Como compreenderam e avaliaram Dom Bosco os seus contemporâneos: papa, bispos, sacerdotes, religiosos, autoridades políticas e civis, detentores do poder econômico e financeiro, crentes ou não crentes, as massas?

Qual foi a imagem de Dom Bosco construída e transmitida pela “tradição histórica”, pelos cronistas e pelos biógrafos contemporâneos, pelas testemunhas dos processos, pelas comemorações e apoteoses dos aniversários e das datas significativas (1915, 1929 1934, 1988, 2009)? Quais foram as interpretações da sua “missão” histórica? Tratou-se de uma resposta providencial às necessidades de uma Igreja perseguida? Uma resposta católica às necessidades dos tempos? Uma solução do “problema dos jovens pobres e abandonados”, do problema social, da cooperação entre as “classes”? Uma promoção das massas populares no respeito da ordem vigente? Uma ação missionária e civilizadora?

O que caracteriza propriamente Dom Bosco? Foi o inventor de uma “pedagogia” idônea para aproximar os jovens “periclitantes e perigosos”? Foi mestre de espiritualidade para os jovens em situação de risco, para as classes inferiores, para os povos em via de desenvolvimento? Foi o Santo da alegria, dos valores humanos, do encontro com todos sem discriminações? Ou talvez tudo isso e muito mais?

Hoje, é preciso reconstruir essa imagem de Dom Bosco; é necessário vê-lo sob outra luz, para uma fidelidade que não seja repetição, obséquio a fórmulas ou dissociações. Não basta limitar-se a qualquer tipo de leitura de animação ou a algum ensaio de estudiosos; precisamos, todos juntos, aprofundar a salesianidade para chegarmos a uma visão comum, culta, profissional, profunda, que saiba valorizar o patrimônio histórico, pedagógico, espiritual, herdado de Dom Bosco; que conheça a fundo a realidade juvenil, que possua um perfil claro do cristão na sociedade de hoje e de amanhã, com os correspondentes compromissos “de acordo com as necessidades dos tempos”. Em outras palavras, trata-se de rever as intuições e as estruturas de agregação e de educação, de reler o Sistema Preventivo em chave de atualidade,

de apresentar ao mundo e à Igreja um estilo particular de educador salesiano.

Hoje, mais do que de crise de identidade, talvez se trata de crise de credibilidade. Tem-se a impressão de estarmos sob a tirania do *statu quo*, mais em nível de resistências inconscientes do que intencionais. Embora convictos a respeito da verdade dos valores teológicos de que está impregnada nossa vida cristã e consagrada, sentimos dificuldade de atingir o coração dos nossos destinatários, para os quais deveríamos ser sinais de esperança; somos sacudidos pela irrelevância da fé na construção da sua vida; constatamos uma escassa sintonia com o seu mundo, a distância, para não dizer a estraneidade, de seus projetos humanos; damo-nos conta de que nossos sinais, nossos gestos, nossa linguagem não parecem incidir em sua vida.

Talvez haja pouca clareza quanto à função da missão a que nos dedicamos; talvez alguns não estejam convencidos da utilidade da nossa missão; talvez não encontrem o trabalho adequado às suas aspirações porque não sabemos inovar; talvez se sintam aprisionados pelas emergências que se tornaram cada vez mais prementes; talvez haja pouca estima mais *ad intra* do que *ad extra*. A história nos poderá socorrer na ação de atualização do carisma. Por isso, limito-me a evidenciar aqui alguns aspectos, demorando-me particularmente quanto ao primeiro.

7.1 Evolução das obras e dos destinatários. Para Dom Bosco, a abertura de novas obras é determinada pelas exigências da situação. A pobreza cultural dos jovens provoca em Valdocco a abertura de uma escola elementar dominical, depois noturna, em seguida diurna, especialmente para quem não pode frequentar a escola pública; finalmente, outras escolas, diversos laboratórios, e assim por diante, rumo à complexa “casa anexa” ao Oratório de São Francisco de Sales. Essa primeira obra, de simples lugar de encontro nos dias festivos para o catecismo e para o diverti-

mento, torna-se lugar de formação global; para certo número de jovens sem meios de subsistência, torna-se uma casa, um lugar de residência. Ao pátio e à igreja, onde se desenvolve um programa com a possibilidade dos sacramentos, da instrução religiosa elementar, do divertimento, de interesses, de festas religiosas e civis, de dons, somaram-se outras estruturas para oferecer a aprendizagem de um ofício, evitando frequentar fábricas da cidade, às vezes muito imorais e perigosas para jovens já marcados por um passado difícil. Depois, fundaram-se outras casas salesianas, outros pequenos seminários confiados aos cuidados da já então existente Sociedade salesiana.

Para o primeiro oratório confluíram tanto jovens provenientes das casas de correção quanto imigrados e, em geral, jovens sem fortes liames com as respectivas paróquias. Depois, num degrau mais alto, são acolhidos no oratório e no internato estudantes e aprendizes que vivem longe da “pátria”, que vão para a cidade a fim de aprender um ofício ou fazer estudos que os habilitem a um emprego. Para certo número de jovens pertencentes a essa categoria ou que vivem em particulares dificuldades ou ainda que têm alguma disponibilidade econômica, é aberta a possibilidade de aprender um ofício nos laboratórios organizados ou de fazer estudos em escolas em colégios. Essa população entra normalmente nas duas diversas categorias sociais: a “classe pobre” e a “classe média”. Exigências particulares favorecem também a instituição de escolas elementares, técnicas, humanísticas, profissionais, agrícolas, externatos, colégios também para a classe média-alta, em que se trata de contrastar análogos iniciativas laicais ou protestantes, ou então de garantir uma educação integralmente católica segundo o Sistema Preventivo.

A preferência pelos mais pobres é considerada por Dom Bosco compatível com a maciça destinação de escolas e colégios para a “classe média”. Ele não rejeita qualquer gênero de pes-

soas, mas prefere ocupar-se com a classe média e a classe pobre, porque seus jovens estão mais necessitados de socorro e de assistência. De qualquer forma, o mecanismo das “diárias” a pagar não permitiu grandes aberturas para com os verdadeiros pobres ou com os “meio pobres”, a não ser para grupos limitados de jovens mantidos pela beneficência pública ou privada. Além disso, uma categoria específica é constituída por aqueles jovens entre os mais pobres e periclitantes que se encontram em lugares de missão, privados da luz da fé. Naturalmente a ação missionária não se limita aos jovens, mas tenta envolver todo o mundo que os rodeia; nem se limita à ação estritamente pastoral, mas se interessa por todos os aspectos da vida civil, cultural, social, segundo quanto o próprio Dom Bosco diz em uma sua carta de 1º de novembro de 1886: levar “a religião e a civilização entre aqueles povos e nações que ainda ignoram a primeira e a segunda”. São privilegiados também, sem distinção de classes, os jovens que manifestam propensão para o estado eclesiástico ou religioso; é o dom mais precioso que se pode fazer à Igreja e à própria sociedade civil.

Finalmente, devem-se constatar as extensas zonas da marginalização de “jovens pobres e abandonados” em situações particularmente graves, às vezes trágicas, que permanecem estranhas à atividade de Dom Bosco: a faixa emergente dos jovens sempre mais envolvidos na “indústria” nascente da assistência, proteção e formação do ponto de vista social e sindical; o mundo da delinquência juvenil verdadeira e própria existente em Turim; as obras para a recuperação de menores delinquentes ou próximos à delinquência, com algumas das quais entrou em tratativas mais ou menos claras; o imenso continente da pobreza e da miséria não só nas cidades, mas também e, às vezes ainda mais, no campo; o vasto planeta do analfabetismo e da educação artesã e profissional; o mundo da desocupação e da migração; finalmente, o mundo da deficiência mental e física.

Ora, essa página da história nos obriga a refletir em *perspectiva atualizadora*. Quem são hoje os nossos destinatários privilegiados? Quais são as obras adequadas às suas necessidades? O desaparecimento nas Constituições salesianas renovadas do elenco das obras salesianas típicas que contemplavam em primeiro lugar os oratórios, por acaso, não contribuiu a reduzir o número dos nossos oratórios clássicos, substituídos talvez por escolas superiores e universitárias?

7.2 *Juventude abandonada*. Como disse no início, a importância histórica de Dom Bosco deve ser procurada, não só nas obras e em certos elementos metodológicos relativamente originais, mas também na percepção intelectual e emotiva da dimensão universal, teológica e social do problema da “juventude abandonada” e na grande capacidade de transmiti-la a densos grupos de colaboradores, benfeitores e admiradores.

Perguntemo-nos, então: hoje, somos seus fiéis discípulos? Vivemos ainda a tensão que Dom Bosco tinha entre ideal e realização, entre intuição e concretização no tecido social em que ele agia?

7.3 *Resposta às necessidades dos jovens*. Dado que as iniciativas assistenciais e educativas de Dom Bosco em favor dos jovens se sucedem no plano prático dentro de certo “ocasionalismo”, é preciso também dizer que suas “respostas” aos problemas não resultam de um “programa” orgânico e não são postas em prática em consequência de uma visão prévia e completa do quadro social e religioso do século XIX.

Dom Bosco, esbarrando em problemas particulares, dá respostas também imediatas e localizadas, até que, gradualmente, as diversas condições juvenis o levam a propor-se de forma global “o problema dos jovens” no mundo inteiro. Na vida heroica de Dom Bosco não se constata planos preven-

tivos e estratégias de ação em longo prazo, preparados à escrivinha – coisas que hoje, com justiça, consideramos indispensáveis –, mas emergem soluções eficazes, às vezes imprevistas, de problemas imediatos.

Que significa tudo isso, hoje, para nós, que vivemos numa “aldeia global” onde tudo é conhecido em tempo real, onde está à nossa disposição uma ampla sequência de ciências especializadas? Como passar de uma política de emergência a uma política de programação? Baseando-nos em que critérios específicos nós podemos realizar as opções operativas no contexto dos meandros da história, não ficando estranhos a ela? Como evitar o duplo risco de perder unidade e identidade por querer fazer tudo, para abandonar obras estáveis e passar a coisas passageiras não bem pensadas, para desperdiçar recursos em curto prazo; e o risco de tornar absolutos e perenes certos aspectos contingentes do Fundador, acabando por contentar-nos com o que já temos e que já conhecemos de uma tradição fossilizada, defendida em boa-fé por fidelidade ao passado?

7.4 Flexibilidade de resposta às necessidades. Da análise histórica resulta a genialidade e a capacidade de Dom Bosco de coordenar, em torno da sua vocação de “salvar” os jovens, obras educativas destinadas aos jovens das classes populares urbanas, com ulteriores e variadas atividades que se destinavam a outros objetivos. Em torno do pequeno Oratório de Valdocco, Dom Bosco conseguiu polarizar milhares de jovens, conquistar o consenso e o apoio do ambiente eclesial num leque sempre mais amplo, virtualmente universal. E o fechamento de obras, como o Oratório do Anjo da Guarda em Turim, de casas salesianas isoladas como Cherasco, Trinità, não era índice de retrocesso, mas de um ajuste e de um novo impulso. É prova disso a expansão da sua missão com obras que visavam à formação juvenil: a fundação das FMA, as missões, os Cooperadores, o *Boletim*

Salesiano. Essas diversas iniciativas põem em evidência uma contínua coordenação, sempre uma nova retomada, um desenvolvimento ulterior.

Ora, como não observar que em nossa ação deve ser considerada importante não só e não tanto a imagem, mas a realidade que se renova e se desenvolve com uma coordenação sábia? O forçado fechamento de tantas obras não corre muitas vezes o perigo de parecer uma simples escapatória, em vez de uma opção ordenada para um desenvolvimento maior?

7.5 Pobreza de vida e trabalho incansável. Nos apontamentos que a tradição chamou de “Testamento espiritual”, Dom Bosco deixou escrito: “Desde o momento em que começar a aparecer o bem-estar nas pessoas, nos quartos ou nas casas, também começará a decadência da nossa congregação. [...] Quando começarem entre nós as comodidades ou o bem-estar, a nossa pia sociedade terá feito o seu curso” (P. Braido [ed.], *Don Bosco educatore, scritti e testimonianze*. Roma, LAS, 1992, p. 409, 437).

Hoje, inspirando-nos em Dom Bosco, não deveríamos ter a coragem de dizer que quando uma comunidade religiosa se fecha diante da TV e dos jornais por horas a fio, é sinal de que pelo menos naquele lugar demos por encerrado o nosso curso? O que dizer quando uma obra salesiana se reduz a quatro meninos com uma bola e uma TV, e não encontra tempo para convocar jovens e envolvê-los nas próprias iniciativas, mas, ao contrário, encontra tempo para passeios culturais? Talvez aquela obra tenha terminado o seu curso, dado que o número de jovens numa obra salesiana local, embora não seja tudo, é sempre o termômetro da razão de ser de uma casa num determinado território.

8. SUGESTÕES PARA A CONCRETIZAÇÃO DA ESTREIA

Partindo do conhecimento da história de Dom Bosco, os grandes pontos de referência e os compromissos da Estreia 2012 poderão ser os que vou apresentar em seguida; depois, cada grupo da Família Salesiana poderá concretizá-los.

8.1 *A caridade pastoral* caracteriza a história de Dom Bosco e é a alma das suas múltiplas obras. Podemos dizer que essa é a perspectiva histórica sintética através da qual se deve ler toda a sua existência. O Bom Pastor conhece as suas ovelhas e as chama pelo nome; Ele lhes mata a sede com águas cristalinas e as apascenta em prados verdejantes; torna-se a porta através da qual as ovelhas entram no redil; dá a própria vida para que as ovelhas tenham vida em abundância (cf. Jo 10,11ss.). A força maior do carisma de Dom Bosco consiste no amor que é haurido diretamente do Senhor Jesus, imitando-o e permanecendo n'Ele. Esse amor consiste em “dar tudo”. Daqui dimana seu voto apostólico: “Prometi a Deus que até meu último respiro seria para os meus pobres jovens” (MB XVIII, 258; cf. Const. SDB 1). Esta é a nossa marca e a nossa credibilidade junto aos jovens.

8.2 Na história de Dom Bosco, nós conhecemos as inumeráveis *fadigas, renúncias, privações, sofrimentos*, os numerosos sacrifícios que ele fez. O Bom Pastor dá a vida por suas ovelhas. Por meio das necessidades e das solicitações dos jovens, Deus está pedindo a cada membro da Família Salesiana que sacrifique a si mesmo em favor deles. Viver a missão não é, portanto, um ativismo vão; pelo contrário, é conformar nosso coração com o coração do Bom Pastor que não quer que nenhuma de suas ovelhas se perca. É uma missão profundamente humana e profundamente espiritual. É um caminho

de ascese; não se dá presença animadora entre os jovens sem ascese e sacrifício. Perder alguma coisa, ou melhor, perder tudo para enriquecer a vida dos jovens, é o que sustenta nossa dedicação e nosso empenho.

8.3 Na ata de fundação da Congregação Salesiana e, sobretudo, no desenvolvimento histórico da múltipla obra de Dom Bosco, nós podemos conhecer as ***finalidades da Família Salesiana*** que, pouco a pouco, iam se delineando. Nós somos chamados a ser apóstolos dos jovens, dos ambientes populares, das zonas mais pobres e missionárias. Hoje, mais do que nunca, nos empenhamos em compreender e assumir criticamente a cultura midiática, e nos servimos dos meios de comunicação social, em particular das novas tecnologias, como potenciais multiplicadores da nossa ação de aproximação e de acompanhamento dos jovens. Enquanto estamos no meio deles como educadores, imitando o que fez nosso Pai Dom Bosco, nós os envolvemos como nossos primeiros colaboradores, confiamos a eles responsabilidades, os ajudamos a assumir a iniciativa, os habilitamos a serem apóstolos dos seus colegas. Dessa forma, podemos dilatar sempre mais o grande coração de Dom Bosco, que teria querido alcançar e servir os jovens do mundo inteiro.

8.4 Os bons propósitos não podem ficar vazias declarações. O conhecimento de Dom Bosco deve ser traduzido em ***empenho com e para os jovens***. Como Dom Bosco, hoje, Deus nos espera nos jovens! Por isso, precisamos procurá-los e ficar com eles nos lugares, nas situações e nas fronteiras onde eles nos esperam. Por isso, é preciso ir ao encontro deles, dar sempre o primeiro passo, caminhar junto com eles. É consolador ver como em todo o mundo a Família Salesiana se prodigaliza em favor dos jovens mais pobres: meninos de rua, meninos marginalizados, meninos trabalhadores, meninos soldados, jovens aprendi-

zes, órfãos abandonados, crianças exploradas. Um coração que ama é sempre um coração que se interroga. Não basta organizar ações, iniciativas, instituições para os jovens; é preciso garantir a presença, o contato, o relacionamento com eles: trata-se de retomar a prática da assistência e redescobrir a presença no pátio.

8.5 Também hoje Dom Bosco se interroga. Por meio do conhecimento da sua história, devemos ouvir *as perguntas de Dom Bosco* dirigidas a nós. O que podemos fazer a mais para os jovens pobres? Quais são as novas fronteiras no lugar onde trabalhamos, no país em que vivemos? Temos ouvidos para escutar o grito dos jovens de hoje? Além das já citadas pobreza, quantas ainda tornam pesado o caminho dos jovens de hoje? Quais são as novas fronteiras em que hoje nos devemos empenhar? Pensemos na realidade da família, na emergência educativa, na desorientação da educação afetiva e sexual, na falta de compromisso social e político, no perigo de refugiar-se na privacidade da vida pessoal, na fragilidade espiritual, na infelicidade de tantos jovens. Ouçamos o grito dos jovens e ofereçamos respostas às suas necessidades mais urgentes e mais profundas, às suas necessidades materiais e espirituais.

8.6 Conhecendo suas vicissitudes pessoais, podemos conhecer *as respostas de Dom Bosco* diante das necessidades dos jovens. Desse modo, podemos considerar melhor as respostas que traduzimos em ações, e outras que devemos dar. Certamente, as dificuldades não faltam. Será preciso também “enfrentar os lobos” que querem devorar o rebanho: o indiferentismo, o relativismo ético, o consumismo que destrói o valor das coisas e das experiências, as falsas ideologias. Deus nos chama e Dom Bosco nos encoraja a sermos bons pastores, para que os jovens ainda possam encontrar pais, mães, amigos; sobretudo, possam

encontrar Vida, a verdadeira Vida, a Vida em abundância oferecida por Jesus!

8.7 As *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales* escritas por Dom Bosco a pedido explícito do Papa Pio IX são um ponto de referência imprescindível para conhecer o caminho espiritual e pastoral de Dom Bosco. Foram escritas para que nós pudéssemos conhecer os inícios prodigiosos da vocação e da obra de Dom Bosco, mas, sobretudo, para que, assumindo as motivações e as opções de Dom Bosco, cada um de nós, individualmente e cada grupo da Família Salesiana, pudéssemos percorrer o mesmo caminho espiritual e apostólico. Elas foram definidas como “memórias de futuro”. Por isso, durante este ano, empenhemo-nos em conhecer esse texto, em comunicar seu conteúdo, em difundi-lo, de modo especial em colocá-lo nas mãos dos jovens: ele se tornará um livro inspirador também para as suas opções vocacionais.

9. CONCLUSÃO

Como de costume, desejo concluir a apresentação da Estreia com um conto sapiencial. Antes disso, porém, gostaria de recordar aqui o “sonho dos 9 anos”. De fato, parece-me que essa página autobiográfica ofereça uma apresentação simples, mas ao mesmo tempo profética, do espírito e da missão de Dom Bosco. Nele é definido o campo de ação que lhe é confiado: os jovens; é indicado o objetivo da sua ação apostólica: fazê-los crescer como pessoas por meio da educação; é apresentado o horizonte em que se move todo o seu e o nosso agir: o plano maravilhoso de Deus que, antes de todos e mais do que todos, ama os jovens. É Ele que os enriquece com tantos dons e os faz responsáveis pelo seu próprio crescimento, para uma inserção positiva na so-

cidade. No projeto de Deus, a eles é garantido, não só um bom êxito nesse caminho, mas também a felicidade eterna. Ponhamo-nos, pois, a ouvir Dom Bosco e ouçamos o “sonho da sua vida”.

“O menino do sonho”

Nessa idade tive um sonho, que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.

Confuso e assustado repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar. Quase sem saber o que dizer, acrescentei:

- Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?*
- Justamente porque te parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.*

– *Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?*

– *Eu te darei a mestra, sob cuja orientação poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se converte em estultice.*

– *Mas quem sois vós que assim falais?*

– *Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.*

– *Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dissei-me, pois, vosso nome.*

– *Pergunta-o a minha mãe.*

Nesse momento vi a seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse:

– *Olha.*

Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais.

– *Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês acontecer a esses animais, deves fazê-lo aos meus filhos.*

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar; e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender; porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo:

– A seu tempo tudo compreenderás.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu. Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos que desferira e doer-me o rosto pelos tapas recebidos; além disso, aquele personagem, a senhora, as coisas ditas e ouvidas de tal modo me encheram a cabeça que naquela noite não pude mais conciliar o sono.

(Memórias do Oratório de São Francisco de Sales. Texto crítico: Antônio da Silva Ferreira, 3ª ed. São Paulo, Editora Salesiana, 2005, p. 28-30)

Dom Bosco escreve nas Memórias do Oratório que aquele sonho “ficou profundamente impresso na sua mente por toda a vida”, de tal modo que hoje nós podemos dizer que ele viveu para transformar aquele sonho em realidade.

Pois bem, o que nosso querido Pai tomou como programa de vida, fazendo dos jovens a razão de ser de sua existência e gastando por eles todas as suas forças até o último respiro, é o que todos nós somos chamados a fazer.

O episódio final, que desta vez tomo da história, ilustra eloquentemente o desejo de Dom Bosco de ser para os jovens um sinal de amor que jamais acabará. Ouvi-o contar a primeira vez por parte de um irmão da Inspeção da Austrália, padre Lawrie Moate, num discurso de felicitações pronunciado por ocasião de uma celebração de jubileus de vida salesiana, em Lysterfield, em 9 de julho de 2011:

“E a nossa música continua”

“Imaginem o pátio da prisão de uma colônia europeia do século XVII. É o amanhecer e, enquanto o sol começa a encher de cores douradas o céu do oriente, um prisioneiro é trazido para fora, no pátio, para a execução capital. Trata-se de um padre condenado à morte por se ter oposto às crueldades com que eram tratados os índios da colônia. Agora está de pé de costas contra o muro e contempla os que compõem o pelotão de execução, seus compatriotas.

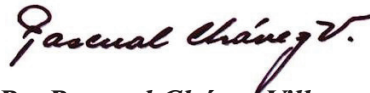
Antes de vendar-lhe os olhos, o oficial que comanda o pelotão lhe faz a tradicional pergunta a respeito do seu último desejo a ser cumprido. A resposta chega como uma surpresa para todos: o homem pede para tocar pela última vez a sua flauta. Os soldados, então, recebem ordem de ficar em posição de descanso, enquanto esperam que o prisioneiro toque a sua flauta. Quando as notas começam a ferir o ar silencioso da manhã, o ambiente da prisão é inundado por uma música que se difunde doce e encantadora, enchendo de paz aquele lugar marcado diariamente pela violência e pela tristeza. O oficial está preocupado porque, quanto mais se prolonga a música, tanto mais absurda lhe parece a tarefa que deve desempenhar. Por isso, ordena aos soldados que abram fogo. O padre morre no mesmo instante, mas, para estupor de todos os presentes, apesar da morte, a música continua a sua dança da vida. Donde provém aquela doce música da vida?

Numa sociedade totalmente empenhada em sufocar a mensagem de Cristo, penso que a nossa vocação seja a de estarmos entre aqueles que continuam a fazer ouvir a música da vida. Num mundo que está fazendo de tudo para que os jovens não escutem o insistente convite de Cristo “vinde e vede”, é nosso privilégio sermos atraídos por Dom Bosco e encorajados a tocar a música do coração, a

testemunhar a transcendência, a exercer a paternidade espiritual, a estimular os jovens a caminharem numa direção que corresponde à sua dignidade e aos seus desejos mais autênticos. Esta é a dança do Espírito! Esta é a música de Deus!

Caríssimos irmãos, irmãs, membros da Família Salesiana, amigos de Dom Bosco, jovens, desejo a todos um ano-novo de 2012 cheio das bênçãos de Deus e um renovado empenho para continuar a fazer ouvir a música, a nossa música, a que enche de sentido a vida dos jovens e os faz encontrar a fonte da alegria. A todos um abraço e minha lembrança no Senhor.

Roma, 31 de dezembro de 2011



Pe. Pascual Chávez Villanueva, SDB

Reitor-Mor